

O cientificismo e suas relações com o poder no conto “O alienista”: uma análise foucaultiana*

Geovane Souza Melo Junior

Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
e-mail: jrnjl@yahoo.com.br.

De um discurso que se propõe “científico-verdadeiro”

Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica, e não cogita em resolver com posturas as questões científicas.
Machado de Assis (2008, p. 23)

O conto “O alienista”, de Machado de Assis, encontra-se na coletânea *Papéis Avulsos* e foi publicado no ano de 1882. Na referida obra, o autor utiliza-se de um discurso irônico para criticar a irracionalidade do discurso científico e médico exagerado, sem limites morais. Ademais, ao longo do texto, paulatinamente, vai nos mostrando nas entrelinhas que a verdadeira insanidade é a adesão irrestrita ao discurso científico sem reflexão ética.

Deste modo, propomos discutir o discurso machadiano presente no conto “O Alienista”, a partir de alguns conceitos foucaultinos trabalhados, sobretudo, em seu livro *História da Loucura na Idade Clássica*. Assim sendo, a partir dessas concepções teóricas desenvolvidas por Foucault, pretendemos fomentar reflexões sobre a relação entre os discursos que se pretendem “científicos”, “verdadeiros” e sua relação com o poder.

A narrativa do conto machadiano acontece no pacato município brasileiro de Itaguaí. O personagem principal, Dr. Simão Bacamarte, torna-se um eminente médico psiquiatra com formação em universidades europeias, que, ao regressar ao Brasil, dedica-se exclusivamente às suas atividades médico-científicas: “[...] filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coim-

* Artigo produzido na disciplina Teoria Literária: tradição e contemporaneidade, ministrada pelo Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo no Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

bra e Pádua” (ASSIS, 2008, p. 1). Simão lança mão de trabalhar nos negócios da monarquia portugalense, a pedido do próprio rei, para se entregar ao seu emprego único: a ciência. Atentemo-nos ao trecho abaixo:

[...] em *O Alienista* se fala da ciência, mas de uma forma inédita até então: não se fala da ciência enquanto tal, seus métodos, sua validade, sua pretensão de conhecimento, seu rigor lógico, suas tendências, sua extensão. Não há aí nenhuma epistemologia no sentido clássico, muito menos alguma filosofia da ciência. Não se fala, pois, da ciência, o que seria usual e fastidioso para a época; fala-se do poder da ciência, o que representa uma raridade para aquele momento. Machado está preocupado em colocar diante de nossos olhos a pergunta fundamental do ponto de vista da política do saber: que poder é este que emana da ciência, no que se funda, qual a razão das imunidades e privilégios que o *Alienista* tomara para si? Em suma: nenhum poder é inocente; todo poder deve ter contestadas suas razões (GOMES, 1994, p. 153).

Ora, observemos que a concatenação da apoteose da ciência positivista ao racismo científico, conhecido como eugenia, tem como efeito a veiculação do discurso de anulação do ser tido como louco. Segundo Lima (2011, p. 144), “a loucura como um empecilho deveria ser erradicada da esfera social e escamoteada para além da sua presença”. Destarte, Machado encontra espaço na ficção para “discutir” a sociedade, nomeadamente a brasileira. É por meio da literatura que Machado de Assis denunciaria este discurso científico que se pretende uma verdade absoluta e, como tal, é fonte de efeitos disciplinares nos corpos.

No caminho da dúvida, Descartes encontra a loucura ao lado do sonho e de todas as formas de erro. Será que essa possibilidade de ser louco não faz com que ele corra o risco de ver-se despojado da posse de seu próprio corpo [...]? (FOUCAULT, 1995, p. 52).

Vejamos que nesse contexto, o discurso científico não tem limites, e nos apresenta uma ciência sem ética, uma ciência pela ciência. Segundo Roberto Machado (2006, p. 7), a tese capital dos estudos foucaultianos é de que “a filosofia das ciências possui uma dimensão histórica”, retirando, dessa forma, a dimensão de verdade da ciência, pois esta tem sua origem na história e está fadada a fazer parte de jogos de poder científicos, políticos, religiosos, etc.

Voltemos à letra do texto do autor brasileiro: já em terras brasileiras, aos quarenta anos, o Dr. Bacamarte casa-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, moça viúva da cidade mineira de Juiz de Fora, quinze anos mais nova que o Doutor, não se destacando, segundo o próprio, pela simpatia, tampouco pela beleza. Explica Bacamarte ao seu tio o motivo da escolha de D. Evarista:

[...] reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava as-

sim apta para dar-lhes filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas – únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte (ASSIS, 2008, p. 2).

Desse modo, torna-se claro que Simão não havia mentido outrora ao Rei de Portugal, quando disse que seu único interesse era o estudo científico. Mesmo em se tratando de casamento, o doutor levou em consideração tão somente os quesitos que caracterizavam sua companheira como uma boa progenitora de sua almejada prole. Para Bacamarte, D. Evarista era como o relógio no pensamento cartesiano, isto é, apenas uma máquina a ser dissecada e esmiuçada pelo discurso científico. Observemos: “entendendo que a superioridade do homem está no saber, Simão Bacamarte presume o domínio da técnica [...], o que lhe dá o poder de agir sobre os loucos da cidade, não como pessoas, mas como objetos [...]” (MIRANDA, 2009, p. 73).

Notemos que Machado utiliza-se da ironia, a todo momento, tecendo nesse conto uma crítica social ao seu período. Podemos dizer que “O alienista” é uma obra que se utiliza do sarcasmo para desnudar a sociedade, e o próprio Simão Bacamarte é um alienista caricato. É por meio da ironia que Machado irá expor as “falhas” no discurso cientificista de seu tempo.

Além dessa relação maquinal e cientificista para com sua esposa, com o passar dos dias, Bacamarte percebeu que no pequeno município havia o hábito de se afastar os doentes mentais do olhar alheio, de se esconder a loucura no isolamento das residências. Segundo Foucault, “o século XIX aceitará e mesmo exigirá que se atribuam exclusivamente aos loucos esses lugares nos quais cento e cinquenta anos antes se pretendeu alojar os miseráveis, vagabundos e desempregados” (FOUCAULT, 1995, p. 83). Atencioso e estudioso que era, Simão Bacamarte funda a Casa Verde:

[...] mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especial à atenção – o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. [...] a saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico (ASSIS, 2008, p. 3).

Nasce, então, na cidade de Itaguaí, localizado na Rua Nova, com o aval das autoridades locais e a suspeita a princípio de alguns moradores, o primeiro asilo brasileiro. Ora, notemos como Machado utiliza a literatura como método de reflexão crítica dos moldes de nossa sociedade, das atrocidades que se podem fazer em nome de um discurso cientificista. Por meio da ironia, Machado traz à tona, desnuda as incoerências do discurso da sociedade de seu tempo, cria verdadeiras rachaduras neste sistema de pensamento. Abre espaço para uma literatura de um viés crítico social.

A Casa Verde machadiana: discurso fabril de loucura

Acumulamos todos os tesouros de outrora na velha cidadela desta história; acreditamos que ela fosse sólida; sacralizamos-la; fizemos dela o lugar último do pensamento antropológico; acreditamos poder aí capturar até mesmo aqueles que se tinham encarniçado contra ela; acreditamos poder torná-los guardiões vigilantes. Mas os historiadores desertaram há muito tempo dessa velha fortaleza e partiram para trabalhar em outro campo; percebe-se mesmo que Marx ou Nietzsche não asseguram a salvaguarda que se lhes tinha confiado.
Foucault (2008, p. 16).

Em uma conversa com o Sr. Soares, Simão confessa que seu intuito maior é estudar exaustivamente a loucura, ser o descobridor da causa desse fenômeno e trabalhar na sua cura. Já a caridade, assistir a população, entraria apenas como um mero tempero. São palavras do alienista ao conversar com o Sr. Soares:

Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarcemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia (ASSIS, 2008, p. 9).

A comparação de Bacamarte entre a ciência e a pérola nos demonstra o verdadeiro culto à deusa razão nesse momento. Essa verdadeira adoração do *logos* tem como pressuposto fundamental a crença na narrativa iluminista da razão emancipadora do homem, isto é, a ciência com seu progresso contínuo e linear fatalmente irá desembocar em um viver *parfait*. Na contramão de Bacamarte, Foucault nos alerta:

[...] a história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração (FOUCAULT, 2008, p. 5).

Assim, mais uma vez, o filósofo francês denuncia isto que o discurso científico tenta a todo custo mascarar, a saber: em seu próprio seio, o discurso é permeado por relações de poder. Portanto, a partir deste momento na obra (a criação do asilo), qualquer comportamento que fugisse do padrão, que por algum pequeno detalhe pudesse não ser considerado normal, era motivo para transformar alguém no mais novo interno da Casa Verde.

O louco é demasiada e diretamente sensível para que se possa reconhecer nele os discursos gerais da loucura; ele só surge numa existência pontual — espécie de loucura ao

mesmo tempo individual e anônima, na qual ele se designa sem nenhum risco de errar, mas que desaparece tão logo percebida. Quanto à loucura, está infinitamente recuada; é uma essência distante, cabendo aos nosógrafos o trabalho de analisá-la em si mesma (FOUCAULT, 1995, p. 201).

Bacamarte torna-se, pouco a pouco, graças a este poder de verdade veiculado pela ciência, em juiz, júri e carrasco (GODOY, 2015). O alienista, cada vez mais “colado” nesse discurso científico, a cada dia descobre uma nova patologia em um cidadão de Itaguaí. A cidade transforma-se numa verdadeira Nau dos loucos. Observemos: “trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, o objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (ASSIS, 2008, p. 8). Não bastasse isso, “o terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido” (ASSIS, 2008, p. 15). Conforme afirma Foucault:

Para os médicos, é importante e reconfortante poder constatar que sempre houve alucinações sob o sol da loucura, delírios nos discursos do desatino, e reencontrar as mesmas angústias em todos esses corações sem repouso. É que a medicina mental recebe dessas constatações as primeiras certezas de sua eternidade; e se lhe acontecesse ter a consciência pesada, seria tranqüilizada, sem dúvida, ao reconhecer que o objeto de sua pesquisa estava ali, esperando-a através dos tempos. Além do mais, para aquele que se preocupasse com o sentido do internamento e com a maneira pela qual ele pôde inscrever-se nas instituições da medicina, não é reconfortante pensar que, de todo modo, eram loucos que estavam sendo internados, e que nessa obscura prática já se ocultava aquilo que para nós assume o aspecto de uma justiça médica imanente? Aos insanos internados faltava apenas o nome de doentes mentais e a condição médica que se atribuía aos mais visíveis, aos mais bem reconhecidos deles. Procedendo-se a semelhante análise, consegue-se bem barato uma consciência tranqüila no que diz respeito, de um lado, à justiça da história e, do outro, à eternidade da medicina (FOUCAULT, 1995, p. 132).

Ora, o discurso científico, com sua promessa de verdade redentora, ao ser encarnado na figura do alienista, paradoxalmente cria mais “loucos” do que nunca antes. Segundo Lima:

A loucura foi legitimada pela Medicina a partir de um discurso científico respaldado tanto pelas autoridades quanto pela sociedade. Com a Medicina, a loucura passou a ser identificada como patologia moral ou somática, o médico passou a definir o estatuto do louco. Tal como o protagonista de *O Alienista*, era o médico que determinava quem era louco, doente ou incapaz. Diagnóstico este que na maioria das vezes se plasmava em prol de interesses particulares. A partir do discurso científico foi possível criar um processo identitário para qualificar aqueles que deveriam ser excluídos do convívio social. Para tanto, foram criadas as Instituições destinadas a alienados (LIMA, 2011, p. 151).

Dessa forma, atentemo-nos para o fato de que é o próprio médico alienista Si-

mão Bacamarte que tem as chaves desta fábrica produtora, a todo vapor, de loucura. Mais uma vez citamos Foucault:

Os poderes de decisão são entregues ao juízo médico: apenas ele nos introduz no mundo da loucura. Apenas ele permite que se distingam o normal do insano, o criminoso do alienado irresponsável (FOUCAULT, 1995, p. 141).

Portanto, tal como nos aponta Foucault, em seu livro *A História da loucura na Idade Clássica*, é a própria psiquiatria que cria o louco; ora, o discurso científico produz sua própria mercadoria e controla a demanda. Conforme afirma Gomes, “gera os loucos antes inexistentes, decreta normas que incluem ou excluem certos indivíduos do continente da loucura” (GOMES, 1994, p. 151).

E se o próximo louco a ser produzido pela ciência “bacamartiana” fosse um amigo ou quiçá sua própria mulher? Nosso astuto alienista já tinha uma resposta para tal evento: “Bacamarte aprovava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a ciência era a ciência, e que ele não podia deixar na rua um mentecapto” (ASSIS, 2008, p. 10). Pouco a pouco, a ciência torna-se o novo “evangelho” a ser seguido. Simão, em seu discurso aos seus conterrâneos, diante de sua atitude de trancafiar metade da cidade, diz:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. [...] Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes (ASSIS, 2008, p. 19).

Isso posto, o discurso científico não deve ser confiado a simples leigos; todavia, o mesmo discurso age e disciplina seus corpos. Cabe aos cientistas legislar e comandar a ciência, mesmo ao preço de esse discurso incutir efeitos em nossos próprios corpos.

Considerado em sua formulação mais simples e sob seus aspectos mais exteriores, o internamento parece indicar que a razão clássica conjurou todos os poderes da loucura e que conseguiu estabelecer uma linha divisória decisiva ao próprio nível das instituições sociais. Num certo sentido, o internamento aparece como um exorcismo bem sucedido (FOUCAULT, 1995, p. 157).

Considerações finais

A partir das considerações foucaultianas em seu livro *História da Loucura na Idade Clássica*, percebemos que o conto “O Alienista”, de Machado de Assis, pode ser lido

como uma crítica ao cientificismo, à ciência pensada sem nenhum tipo de ética. Sendo assim, a obra de Machado torna-se de grande importância para a reflexão sobre a ética na ciência, sobre como a ciência pode nos afetar no dia a dia. Para Lima,

O alienista não é apenas uma crítica ao cientificismo do século XIX, a narrativa é antes de tudo, uma ironia aplicada à sociedade brasileira que na época esperava da Medicina e das ciências a solução para a loucura. Em um problema que se tornava cada vez mais presente no convívio social, tal solução foi a exclusão. E, para excluir era necessário primeiro produzir um discurso capaz de legitimar a ação (LIMA, 2011, p. 151).

Portanto, tal como discutido durante essa breve investigação, o cerne desta escrita machadiana gira em torno do poder irrestrito que pode ser conferido à ciência. Assim sendo, Machado de Assis não apenas questiona essa visão racionalista e positivista da ciência, mas, sobretudo, fomenta discussões por meio de suas obras, coloca em suspenso o poder de todo saber que se pretenda como verdade universal. Ironiza, sutilmente, o discurso vigente, questiona as verdades “dadas”.

Desse modo, apesar das diferenças que separam Machado de Assis e Foucault, tais como nacionalidade, idioma, época e área de formação, é perceptível como cada um, a sua maneira, ironizou, criticou o estatuto de verdade incondicional atribuído à ciência de seu tempo.

Referências

ASSIS, Machado de [1882]. *O alienista*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FOUCAULT, Michel [1969]. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Campo Teórico, 1987.

FOUCAULT, Michel [1971]. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. *Direito e literatura: Machado de Assis, o alienista e a revolta dos canjicas*. Disponível em:
<<http://www.arnaldogodoy.adv.br/direito/DL1alienista.htm>>. Acesso: 21 jun. 2015.

GOMES, Roberto. “O alienista: loucura, poder e ciência”, *Tempo Social: Rev. Social*. São Paulo, 5 (1-2): 145-160, 1993

LIMA, Márcio José Silva. História da loucura na obra “o alienista” de Machado de Assis: discurso, identidades e exclusão no século XIX. *Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 18(141-153), set 2011.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MIRANDA, Fabiana Ferreira Santos. *Sob a máscara da (in)sensatez: loucura e poder em crônicas e contos machadianos*, 2009. 111 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Curso de Mestrado em Teoria Literária, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

Artigo recebido em 10/07/2015; aprovado para publicação em 19/05/2016

RESUMO: Este artigo faz uma breve apresentação do conto de Machado de Assis *O alienista* (1882) e se propõe a discutir o discurso irônico acerca do cientificismo presente no mesmo a partir das considerações trabalhadas por Michel Foucault em seu livro *História da Loucura na Idade Clássica* (título original em francês: *Histoire de la Folie à l'Âge Classique*, 1961), principalmente a relação entre os discursos que se pretendem “científicos”, “verdadeiros” e sua relação com o poder.

PALAVRAS-CHAVE: Cientificismo; Ironia; “O alienista”; Foucault.

ABSTRACT: This paper is a brief presentation of Machado de Assis' tale *The Alienist* (1882) and proposes to discuss the ironic speech about scientism present in it with some considerations developed in Michel Foucault in his book *History of Madness* (original title in French: *Histoire de le Folie à l'Âge Classique*, 1961), especially the relationship between the discourses that are intended to be “scientific”, “true” and its relationship to power.

KEYWORDS: Scientism; Irony, “The Alienist”; Foucault.